

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GUILHERME PERELLÓ PINTO

O ENSINO DO HÓQUEI SOBRE GRAMA NA
PERSPECTIVA DE DOCENTES QUE TRABALHAM COM
ESSA MODALIDADE

PORTO ALEGRE

2021

GUILHERME PERELLÓ PINTO

O ENSINO DO HÓQUEI SOBRE GRAMA NA
PERSPECTIVA DE DOCENTES QUE TRABALHAM COM
ESSA MODALIDADE

Projeto de Pesquisa referente ao Trabalho de
Conclusão de Curso em Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Dança.

Professor orientador: Dr. Guy Ginciene

PORTO ALEGRE
2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que auxiliaram nessa trajetória para que a minha graduação se tornasse possível e um caminho menos solitário.

Foi de suma importância, neste meu processo de conclusão de curso, a participação do meu orientador, Guy Ginciene, excelente professor e mentor que me acolheu e deu todo o suporte necessário e fundamental para minha pesquisa sobre o esporte pouco conhecido por aqui, o Hóquei sobre Grama.

Estou grato, também, a minha família pelos conselhos sábios nas horas em que precisei, pelas broncas e pelos incentivos para não desistir jamais dos meus sonhos e daquilo que eu queria me especializar. Além da minha parceira e companheira, que estava ali ao meu lado para me ajudar nas questões em que eu precisava de uma ideia super criativa, ou até mesmo para ficar me acompanhando escrever várias e várias horas, me confortando nos momentos mais difíceis para não desistir.

E não tirando os papéis importantes que os *pets* têm na minha vida para me alegrar e brincar, vulgo: Sakura, Mila e Bartholomew.

Agradeço, também, os colegas que fiz durante o curso e também aos amigos. Sem eles não teria tantos momentos marcantes e risinhos.

Um agradecimento especial aos meus amigos bovinos da Faculdade, Isra7, o “meu filho” Miguel e o vôzão Gabriel.

E por último, mas não menos importante agradeço ao professor Daniel Finco e ao meu irmão Gabriel que me apresentaram o Hóquei sobre Grama e me fizeram gostar de praticá-lo e agora de aprender mais sobre ele.

RESUMO

O Hóquei sobre Grama é um esporte de invasão com registros históricos datados de muito antes do calendário cristão. Esta prática se apresenta no cenário Olímpico desde 1908 como esporte de exibição, sendo oficializado em 1928 na categoria masculina e em 1980 na feminina. Possuindo um histórico de competições, ao qual se pode perceber que vários países estão em direção a ganhar títulos na modalidade. Contudo no Brasil, o esporte ainda é pouco popular, embora o número de atletas tenda a aumentar, ainda se tem dificuldades sobre como introduzi-lo no ambiente escolar. Este estudo tem como objetivo compreender o que e como o conteúdo Hóquei tem sido ensinado nas aulas de Educação Física por professores experientes na modalidade, com o uso de entrevistas semiestruturadas que foram passadas para estes profissionais que conseguiram inserir o esporte nas escolas. Este trabalho possui uma abordagem qualitativa (pesquisa descritiva) a fim de buscar maneiras de inserir o esporte no contexto educacional, buscando o aprofundamento e a compreensão sobre as escolhas metodológicas e dos conteúdos para o ensino-aprendizagem da modalidade esportiva no contexto escolar, identificando também, os fatores que dificultam e facilitam este processo através das percepções dos professores.

Palavras-chave: Hóquei sobre Grama, esporte no contexto escolar, escolhas metodológicas.

ABSTRACT

Field hockey is a invasion sport that were registered way before Christian calendar. It has been present in the Olympic scenario since 1908, as an exhibition sport. Since 1928 was officialised as Olympic sport in male category, and as a female category since 1980. It has a competition history that can be noticed that many countries are in the way to win expressive titles in that modality. However in the Brazilian scenario this is a not popular sport. Even when the number of athletes tends to grow, there are still trouble to introduce that on the schools. This project search as a goal understand what and how the field hockey has been taught in the classes of physical education by experienced teachers in it. Using semi-structured interviews that were given to teacher of the area that succeed to introduce this sport at the school context. This project has a qualitative approach and a quantitative research, in order to reach ways that it can be introduced on schools. This project seek an understanding and comprehension about the methodology choices and the subjects in order to teach and learn this sport, in a school context, also identifying the factors that make it difficult or easy the process, by the teachers point of view.

Keywords: Field hockey, sport in school context, methodological choices

SUMÁRIO DE QUADROS

Quadro 1 – Informações pessoais dos entrevistados.....	17
Quadro 2 – Perguntas das entrevistas.....	20
Quadro 3 – Temas das entrevistas.....	23
Quadro 4 – Temas das entrevistas.....	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. OBJETIVOS GERAIS.....	8
3. JUSTIFICATIVA.....	8
4. REVISÃO DE LITERATURA.....	8
5. MÉTODOS.....	16
6. PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	24
7. RESULTADOS e DISCUSSÃO.....	24
8. CONCLUSÃO.....	45
9. REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Conforme descrito no site oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB, 2020), o Hóquei sobre Grama é um esporte oficializado com regras a partir de 1852 na Inglaterra, inicialmente intitulado como Hóquei Moderno. Esta prática esportiva, ainda pouco conhecida no Brasil, em sua base e essência existe antes mesmo do calendário cristão, tendo como base imagens de desenhos semelhantes à ela encontrada em tumbas egípcias de 2000 A.C. e também em relevos secos encontrados na Grécia que constatarem ser de 1300 A.C. O Hóquei sobre Grama é um esporte Olímpico desde 1908 como esporte exibição na categoria masculina. Em 1928, se oficializou como esporte olímpico em Amsterdã. Mais à frente, em 1980, em Moscou, teve a primeira participação da categoria feminina. Apenas em 2012 o Brasil participou da sua primeira competição da Federação Internacional de Hóquei, o Pré-Olímpico de Londres (COB, 2020).

Ao fazer uma busca no histórico de competições de alto nível e alcance, percebe-se que diferente de outros esportes coletivos, como vôlei e futebol, o Brasil não possui grandes resultados no Hóquei sobre Grama. Devido à falta de informação, pelo fato das mídias não transmitirem jogos em canais abertos, ou até mesmo pela população não se interessar pelo esporte, somados à falta de resultados, faz com que as pessoas tenham pouco interesse em sua maioria pelo esporte. Segundo dados do site da Federação Internacional de Hóquei (FIH, 2020), quando falamos de países medalhistas de premiações grandes como os jogos olímpicos e campeonatos mundiais, percebe-se que algumas potências como por exemplo Índia, Inglaterra, Austrália, Holanda e até mesmo a Argentina, estão sempre buscando o topo das colocações, enquanto o Brasil ainda está muito abaixo, sem suporte para infraestrutura, pouco engajamento com a mídia e com poucos núcleos, tanto em clubes como em escolas e universidades. Isso dificulta a busca de uma base forte para conseguir disputar títulos até mesmo contra um país vizinho, que busca nas crianças desde a infância futuros talentos.

Tendo em vista que o Hóquei sobre Grama acaba por ser muito pouco popular no Brasil, este estudo teve como tema compreender o que tem sido ensinado sobre hóquei nas escolas e como tem sido ensinado.

2 OBJETIVOS GERAIS

Compreender como o conteúdo Hóquei sobre Grama tem sido ensinado nas aulas de Educação Física escolar por professores experientes na modalidade.

JUSTIFICATIVA

Quando se fala de esportes no Brasil, quase sempre o primeiro a ser mencionado é o futebol, devido ao histórico vencedor dos times e da seleção brasileira, somados à popularização e ao fácil acesso deste esporte em quase todos os locais possíveis, como escolas, universidades, praças, ruas e clubes. Com isso, os esportes de menor visão do público, por não terem um fácil acesso devido à diversos fatores, entre eles o material usado para a prática e a falta de conhecimento da população, acaba por gerar uma ausência de praticantes, como ocorre, por exemplo, com o Hóquei sobre Grama. Este esporte tende a ser afetado não somente na parte da acessibilidade, mas também na área da pesquisa brasileira e, devido às poucas informações acerca desta prática esportiva, seus benefícios para as pessoas e pontos positivos que podem vir a agregar na vida dos jovens ficam distantes do conhecimento da população. Com isto, este estudo procurou descrever e analisar o que tem sido posto em prática nas escolas, buscando um meio de acrescentar positivamente o crescimento do esporte no país.

3 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 BENEFÍCIOS DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Não é de hoje que se sabe que os esportes coletivos acabam desenvolvendo nos jovens alguns atributos positivos, como por exemplo a socialização, trabalho em equipe e desenvolvimento corporal, além de estimularem o aluno fisicamente e mentalmente, fazendo-os aprimorarem técnicas, das mais básicas até as mais avançadas. Isso leva a métodos saudáveis de viver e também afeta muito no contato com outras pessoas,

fazendo-os aprenderem a viver em sociedade. Essas frases vão ao encontro com as palavras de Tubino (2001, p. 34), que afirma que:

O esporte na escola pode ser um dos meios mais efetivos de formação de jovens, a prática esportiva como educação social indispensável no desenvolvimento de suas personalidades e imponderável nos seus processos de emancipação. (TUBINO, 2001, p.34).

Segundo Neira (2008), a educação física é vista como uma disciplina que oferece ao educando, a possibilidade de construir conhecimentos a partir dos desafios motores que lhes são impostos. As práticas corporais, os movimentos, são formas de explorar o corpo e suas possibilidades, proporcionando a percepção corporal a partir dessa prática, contribuindo para a formação do indivíduo, valorizando seus conhecimentos, seus costumes, visando a promoção de atitudes de respeito e da igualdade social”.

E com o Hóquei sobre Grama não é diferente. Estimulando pontos cruciais na vida das pessoas, pode ser usado como foco para aprofundar esse desenvolvimento social e características que impulsionem o crescimento dos jovens como seres humanos e, assim, estimular a saúde física e mental.

Então, partindo do que já foi mencionado, os esportes são um componente curricular em aulas de educação física, devido a sua imensa gama de pontos positivos e que podem servir não só como meios de distração e lazer, mas também, como mencionado por Neira (2008), como sendo capaz de produzir conhecimentos a partir de desafios motores, buscando formas de descobrir mais sobre o corpo e também para a formação de um indivíduo. Outro ponto que se deve pôr em destaque é o benefício de se ter a prática esportiva na escola e sua ligação com o desempenho acadêmico, o que foi analisado por Trudeau e Shepard (2008), que viram que a implementação da educação física e os esportes foram benéficas para a melhora do desempenho dos alunos e que, sem eles, não só ocorreria uma regressão nas notas, como também afetaria a saúde física e mental dos alunos. Isso remete também à melhora progressiva nas habilidades dos alunos praticantes de esportes na Educação Física escolar, levando assim a afirmar também sobre buscar uma compreensão sobre o próprio corpo.

4.2 ESPORTES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Considerando todos os pontos positivos mencionados acerca do ensino dos esportes na Educação Física escolar, temos como base que é necessária a ampliação do entendimento das práticas esportivas, com o objetivo de proporcionar aos estudantes maior autonomia e também o desenvolvimento de uma postura crítica quando os mesmos estiverem no papel de espectadores. De acordo com Reverdito e Scaglia (2009), o objetivo do esporte educacional é atuar como meio de intervenção no processo de formação do indivíduo, e na sequência possui a Pedagogia do Esporte como a principal alternativa para o tratamento pedagógico desse conhecimento.

Concordando com o mencionado anteriormente de que os ensinamentos dos esportes nas escolas acabam por beneficiar em diversos aspectos na vida de um indivíduo, tanto no quesito pessoal quanto em sociedade, conforme já mencionado por Neira (2008), acaba por proporcionar atitudes de respeito e igualdade social.

Ainda corroborando com este pensamento, pode-se analisar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a abordagem da Educação Física como algo que “tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social” (BRASIL, 2017, p.213), fazendo com que o ser humano consiga buscar maneiras de se expressar com o meio. A BNCC usou também dentro da Educação Física uma classificação de unidades temáticas, sendo elas diversificadas para cada objetivo que se busca atingir. Nelas temos como exemplo as brincadeiras e jogos, e também, como destacado aqui, a unidade temática de esporte, partindo de um princípio de regras formais e institucionalizadas por organizações e seguindo também o raciocínio de que como toda “prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele” (BRASIL, 2017, p.215). Isso nos leva a pensar que embora um esporte seja muito complexo, dependendo dos envolvidos, é possível fazer adaptações para torná-lo mais acessível a todas as idades, o que faz um gancho com o que é dito na BNCC novamente a respeito de que “todas as práticas corporais podem ser objeto de trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino” (BRASIL, 2017, p.219), tornando

possível incluir o ensino do Hóquei sobre Grama nas escolas em diversas idades.

4.2.1 O que ensinar na Educação Física escolar

Seguindo como eixo a Base Nacional Comum Curricular, a Educação Física escolar possui diversos pontos a respeito do que ensinar. Aprofundando mais no assunto, de acordo com Brasil (2017), a BNCC possui seis unidades temáticas que são abordadas ao longo do Ensino Fundamental. Entre essas abordagens estão os esportes. Esta categoria está dividida em 6 outras classificações, que seguem a lógica interna. Com alguns critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação. Além disso, a BNCC (BRASIL, 2017) está organizada em unidades temáticas, objetos de conhecimentos e as habilidades com que os professores pretendem trabalhar em cada ano de ensino. De acordo com a BNCC, os esportes de invasão devem ser ensinados a partir do 3º ano de ensino atingindo até os anos finais do ensino fundamental.

Com base nisso, as principais ideias de ensinar esportes de invasão, categoria relacionada ao Hóquei sobre Grama, do 3º ao 5º ano, de acordo com Brasil (2017), é fazer com que os alunos experimentem diversos tipos de esporte, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, com base no trabalho coletivo.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) nos 6º e 7º anos, as habilidades desenvolvidas devem ser o respeito às regras e as capacidades técnico-táticas básicas nos esportes ofertados pela escola. E também, planejar e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos nos esportes de invasão.

Nos anos finais, a BNCC (BRASIL, 2017) ainda analisa que se deve fazer uso da experimentação de diferentes papéis, como jogador árbitro e técnico. Além disso, identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte. E por último,

identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo, discutir alguns de seus problemas e a forma como as mídias os apresentam.

4.3 PEDAGOGIA DO ESPORTE

A pedagogia do esporte pode ser definida de acordo com Galatti (2006, p. 39) como:

[...] a linha das Ciências do Esporte, que, na figura do Pedagogo do Esporte, busca relacionar conhecimentos com origem em diferentes campos do conhecimento a fim de observar a realidade da prática esportiva e dos processos de ensino e aprendizagem do esporte, a fim de analisar a relevância e adequação das práticas realizadas, apontando novas propostas de intervenção pedagógica, potencializando e otimizando a desenvolvimento esportivo do aluno e/ou atleta, considerando suas dimensões física, cognitiva e afetiva, considerando ainda as possibilidades de educação através do Esporte, contribuindo para a formação plena do cidadão. (GALATTI, 2006, p. 39).

Com isso, é necessário fazer uma busca a respeito das abordagens pedagógicas para se ter uma certeza de como trabalhar o esporte, visto que Balbino (2005) analisa a ação pedagógica concordando que agir pedagogicamente é estabelecer relações com os diversos elementos do sistema em diferentes níveis de relacionamento. Com base nisso é necessário buscar reflexões relacionadas às abordagens tradicionais e as atuais. Também é importante buscar um aprofundamento relacionado aos referenciais da Pedagogia do Esporte.

4.3.1 Abordagem tradicional

As abordagens pedagógicas tradicionais de acordo com Ghidetti (2020, p. 2) consideram como elemento principal a técnica, visto que:

[...] a técnica era o elemento principal da ação dentro dos Esportes Coletivos. A aposta na melhora na performance técnica individual tinha como premissa de que a soma dos desempenhos significaria um melhor desempenho coletivo. (GHIDETTI, 2020, p.2).

Essa abordagem, também conhecida como tecnicista ou analítica, segundo D’ajuda et al. (2018 p. 4) “consiste em ensinar os fundamentos por

partes e repetição do exercício, aperfeiçoando a habilidade do aluno, levando-o a uma progressão na meta prevista”.

Greco (1998 apud Silva et al. 2015) mencionam que o método analítico tem como objetivo aperfeiçoar as habilidades técnicas dos alunos e trabalhar o essencial que um aluno iniciante precisa aprender. Essas habilidades são trabalhadas em fundamentos técnicos individualmente. Embora muito conhecido e trabalhado por muitas pessoas, esse método, de acordo com Galatti (2006, p. 55):

[...] não acrescenta à criança habilidade em resolver os desafios propostos pelo jogo, o que é contemplado no princípio global-funcional, que propõe ênfase no jogo, oferece problemas imprevisíveis e de valor relativo a serem solucionados por quem joga; no entanto, o contato do aluno com a bola, neste princípio, tende a ser menor. (GALATTI, 2006, p. 55).

Essa abordagem tecnicista resultava em alguns pontos negativos no momento do jogo, visto que possui fatores de imprevisibilidade que esta abordagem não estava sendo trabalhada. De acordo com Scaglia (2014):

O educador não leva em consideração o que é imprevisível e, concomitantemente, ignora a complexidade existente nos jogos, além do fato de todos os problemas fundamentais serem resolvidos previamente pela ação docente. Logo, os alunos não precisam pensar, somente executam movimentos nas aulas. O passe é reduzido a gesto (fundamento técnico) que tem um fim em si mesmo, é adestrado. Não se pensa nele como uma ação de natureza tática, que denota uma intenção não necessariamente previsível, decorrente das circunstâncias apresentadas durante a partida. (SCAGLIA, 2014, documento eletrônico).

Com isso as abordagens atuais no ensino, visando arrumar esses problemas foram começando a surgir.

4.3.2 Abordagens atuais

As abordagens atuais são aquelas que buscam, de acordo com Marques et al. (2018), se opor à abordagem tradicional e conseguindo um lugar para uma abordagem mais democrática e progressista. Essa abordagem, de acordo com Marques et al. (2018), dá-se o nome de interacionista-construtivista, que

constitui-se do conhecimento a partir da interação do sujeito com o meio, promovendo os processos de assimilação e acomodação. Sobre isso, Marques et al. (2018, p. 6) analisa que “deve-se resgatar a cultura de jogos e brincadeiras dos alunos valorizando sua cultura e experiência procurando envolvê-las no referido processo ensino-aprendizagem”.

Estas abordagens conhecidas como interacionistas, exploram as ações no jogo. Sobre isso, de acordo com Scaglia (2014) essas novas abordagens metodológicas tendem a valorizar o jogo. Visto isso, Scaglia (2014) relata que os procedimentos didático-metodológicos são pautados na dinâmica e funcionalidade do jogo. Inspirados nas relações de cooperação e oposição, individuais e coletivas. O mesmo autor ainda afirma que a aprendizagem do jogo é guiada pela compreensão de seus princípios e de sua lógica de elaboração de mecanismos de gestão e regras de ação, assim consideradas de ações táticas intencionais, diante do caráter situacional. Portanto, Scaglia (2014, documento eletrônico) ainda afirma que:

[...] de acordo com as novas tendências em Pedagogia do esporte, não é mais valorizado o desenvolvimento das habilidades técnicas fechadas (como o tecnicismo anuncia), mas, sim, das habilidades reconhecidas como abertas, em que o padrão motor cede espaço ao contexto do jogo (ambiente). O professor, nessa situação, é responsável por criar estratégias didático-metodológicas no jogo e pelo jogo (ambiente de aprendizagem) e também por guiar os estudantes pelo processo de construção dos conhecimentos sobre o esporte em suas múltiplas dimensões possíveis.

Visto isso, pode-se afirmar que essas abordagens atuais visam o jogo como forma de ensinar os alunos, buscando situações em que desenvolva as crianças durante os momentos do jogo. Scaglia (2014) afirma que um professor influenciado pelos princípios metodológicos interacionistas busca ensinar diferentes esportes por meio de jogos semelhantes. Juntando esses esportes em blocos que levam em conta a lógica de cada um. Assim, o mesmo autor afirma que os alunos que entendem essa lógica interna, conseguirão mais facilmente construir as ações motoras específicas de cada jogo. “Ou seja, a razão de fazer (tática) determinará o modo de fazer (técnica)” (SCAGLIA, 2014, documento eletrônico).

4.3.3 Referenciais da Pedagogia do Esporte - técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural

O referencial técnico-tático, de acordo com Paes (2002) trata dos elementos estruturais do jogo em várias modalidades esportivas. Envolvem os movimentos, princípios operatórios, táticos e estratégias de ensino e aprendizagem dos fundamentos. Servindo de exemplo desses elementos estão a manipulação de bola, passe, recepção, drible, domínio de espaço, ações ofensivas, defensivas, entre outros.

O referencial socioeducativo, de acordo com Machado et al. (2015), retrata a respeito dos valores e modos de comportamento apresentados como conteúdos a serem intencionalmente trabalhados. Segundo Machado et al (2015) orientam que é necessário promover discussões sobre valores, modos de comportamento e princípios. Construir um espaço que favoreça o desenvolvimento intra e interpessoais, proporcionando momentos para estabelecer relações entre o que acontece na aula de esportes com a vida em comunidade. Leonardi et al. (2014, p.55) complementa esta afirmação relatando que, este fenômeno de promover discussões auxiliam os professores e treinadores a compreenderem as possibilidades de formação do aluno além do contexto esportivo.

Por último o referencial Histórico-cultural tem como objetivo, de acordo com Machado et al (2014), fortalecer o tratamento pedagógico dos conteúdos esportivos, na medida em que busca cuidar dos conhecimentos que caracterizam o esporte como um elemento social e cultural. Os mesmos autores sintetizaram esse referencial em vários aspectos, sendo eles: História das modalidades esportivas, evolução das modalidades, regras e contexto de suas alterações, principais competições, personalidades de cada modalidade e outros saberes necessários para a compreensão da modalidade.

4.4 HÓQUEI SOBRE GRAMA

O Hóquei é um esporte coletivo de invasão, o qual se tem por objetivo chegar próximo da meta adversária e marcar o gol. De acordo com Gonzalez e

Bracht (2012) “são aquelas modalidades em que as equipes tentam ocupar o setor da quadra/campo defendido pelo adversário para marcar pontos (gol, cesta, *touchdown*), ao mesmo tempo em que têm que proteger a própria meta”.

De acordo com Finco (2020), o Hóquei sobre Grama é praticado em um campo de grama sintética com 91,4 metros de comprimento por 55 metros de largura, podendo receber água ou areia para que os movimentos do taco e da bolinha se tornem mais rápidos e o jogo mais dinâmico. O mesmo autor relata que o jogo é disputado por duas equipes de onze jogadores de cada lado em quatro tempos de 15 minutos, tentando marcar gols no adversário. Finco (2020) ainda afirma que os materiais usados para a prática são uma bola de 7,5 cm de diâmetro e um taco por jogador em formato de “J”. O taco do Hóquei sobre Grama possui um lado plano e uma parte curva, e só pode ter contato do taco com a bola se estiver na parte plana do taco. Com isso, é considerado falta se tocar a bola com qualquer parte do corpo ou com a parte curva do taco.

O esporte possui várias semelhanças com o futebol, como é o caso de que se precisar marcar gols com a sua equipe que é formada de 11 jogadores. Mas também, é importante mencionar que existem alguns aspectos diferentes dos habituais, que é o caso do *short corner* ou corner curto. De acordo com CBHG (2015, p. 15):

Corner Curto é uma cobrança de falta não intencional cometida dentro da área de arremate ou intencional atrás da linha de 23m. A cobrança é executada da linha de fundo, na marcação distante 10m do poste da baliza. Nesta cobrança, a bola deverá ser impulsionada em direção aos atacantes que encontram-se fora da área de arremate, estes quando a recebem, poderão entrar na área e direcioná-la para o gol. A equipe que defende o Corner Curto terá direito a posicionar 5 jogadores atrás da linha de gol (4 jogadores e o goleiro), enquanto que a equipe que ataca poderá colocar quantos jogadores desejar atrás da área de arremate. (CBHG, 2015, p. 15)

Tendo como base esta situação de jogo, é possível perceber que embora tenha algumas similaridades com o futebol e outros esportes de invasão, o Hóquei sobre Grama é um esporte único e bem complexo.

5 MÉTODOS

Este trabalho possui uma abordagem qualitativa, do tipo descritivo e o instrumento de pesquisa foi a entrevista semiestruturada (SMITH; SPARKES,

2016). Segundo Gressler (2004), a abordagem qualitativa busca compreender e interpretar os fenômenos. Sendo assim esta pesquisa buscou entender o que e como cada professor ensina do Hóquei sobre Grama. De acordo com Triviños (1987), a pesquisa descritiva necessita que o investigador busque uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Com seleção amostral intencional, na qual as participantes foram escolhidas de forma criteriosa e não de forma aleatória. Os(as) entrevistados(as) foram os(as) professores(as) de Educação Física que tenham atingido o requisito para a entrevista, que são aqueles que conseguiram inserir o Hóquei sobre Grama nas aulas de Educação Física escolar. Para isso foi utilizada uma entrevista semiestruturada, que foi constituída com um conjunto de perguntas destinadas a este grupo seletivo.

Os participantes foram professores (as) de Educação Física que ensinam ou ensinaram Hóquei sobre Grama nas aulas de Educação Física escolar. Para chegar até esses participantes, primeiramente contatamos um professor conhecido e que ensina a modalidade na escola. A partir dele, obtemos novos contatos de outros professores que também lecionaram a modalidade. Para isso, foi-se utilizada a abordagem “bola de neve”.

Estes participantes escolhidos estão descritos no quadro abaixo, usando nomes fictícios para que não seja revelada suas identidades:

Jigoro: Homem. Formado em licenciatura em Educação Física pela UFRGS. Possui mestrado em Educação Física. Trabalha na escola desde 2015. Atualmente está trabalhando em 2 escolas e também na Secretaria de Esporte e Lazer de Canoas.
--

Mayra: Mulher. Formada em licenciatura e bacharelado em Educação Física pela UFRGS. Possui mestrado em Educação Física. Trabalhou com Hóquei em escolas e em oficinas. Trabalha na Federação Gaúcha de Hóquei, é Personal Trainer e faz assessoria, além de participar ativamente na UFRGS na disciplina de Hóquei sobre Grama.

Kano: Homem. Formado em licenciatura em Educação Física pela UNISINOS. Possui pós-graduação em Educação Física escolar. Fez estágios nas escolas e trabalha atualmente em projetos sociais envolvendo crianças do terceiro e quarto ano do ensino fundamental. Possui cinco anos lecionando hóquei sobre grama em escolas e projetos.

Shohei: Homem. Formado em licenciatura em Educação Física pela PUCRS. Realizou alguns cursos de Hóquei sobre Grama, especificamente de árbitro, juiz de mesa e de técnico. Trabalha em duas escolas, realizando projetos, de forma indireta (sem carteira assinada), trabalhou até a metade de 2021 em escolas municipais no contra turno lecionando o Hóquei sobre Grama, estando no currículo das escolas, como vôlei, handebol, futsal e basquete.

Ono: Homem. Formado em licenciatura em Educação Física pela UNILASALE. Possui pós-graduação em fisiologia do exercício. Ono trabalha na prefeitura municipal de Canoas, dando aulas para uma escola do município em turmas de 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Também já atendeu 3 escolas anteriormente e trabalha com aplicativos no final de semana.

(Quadro 1- informações pessoais dos professores entrevistados). (fonte: O próprio autor).

Sobre o número de participantes, é fácil verificar o excesso de informações como uma justificativa para definir o “tamanho da amostra” das pesquisas qualitativas (BRAUN; CLARKE, 2019). No entanto, as mesmas autoras apresentam uma discussão apropriada sobre esses critérios. De acordo com o pensamento delas, não há consensos sobre o conceito da saturação, muito menos sobre número. Alguns estudos referem para 6 entrevistados, outros para 12 e até 24 (BRAUN; CLARKE, 2019). Já Low (2009) relata que “a saturação definida como nenhuma informação nova é uma falácia lógica, já que sempre há novos insights teóricos a serem feitos, desde que os dados continuem a ser coletados e analisados” (tradução nossa, p. 131).

Braun e Clarke (2009) afirmam que o “tamanho da amostra pode ser determinado pela percepção de um pesquisador” e ainda comentam que o

número de entrevistados pode se dar “com base em sua própria experiência, mas provavelmente também, pelo menos parcialmente, informados por tais considerações pragmáticas” (tradução nossa, p. 11).

De acordo com Sparkes e Smith (2016) precisa-se entrevistar quantas pessoas forem necessárias para encontrar o que se busca (SMITH; SPARKES, 2016). Os autores seguem a mesma linha de pensamento de Braun e Clarke, já que consideram que a entrevista precisa ser “pequena o suficiente para gerenciar o material e grande o suficiente para fornecer ‘uma compreensão da experiência nova e rica em textura’” (p. 116).

Diante dos apontamentos anteriores, levamos os seguintes pontos em consideração para definir o “tamanho da amostra”:

- Poucas pessoas devem ensinar Hóquei sobre Grama na Educação Física escolar, visto que as práticas tradicionalmente ensinadas são o futebol, basquetebol, voleibol e handebol (RANGEL BETTI, 1999);
- O curto período para se realizar um TCC (6 meses);
- A medida que aumentarmos nossa amostra, teremos cada vez mais novas informações. Porém, nosso objetivo não é o de esgotar as informações referentes ao “o que” e “como” ensinar; muito menos apresentar os consensos entre os professores, mas sim apresentar algumas formas de ensinar uma modalidade não tradicional na escola;
- Não pretendemos fazer generalizações com os resultados.

Com isso, foi estabelecido o número de 5 participantes para que seja possível encontrar os professores, entrevistar e analisar as informações com a devida qualidade.

A ideia foi usar as entrevistas para compreender a visão dos professores que ministram aulas de Hóquei sobre Grama nas escolas. E com isso tentar conhecer os desafios e barreiras que eles enfrentam para conseguirem ensinar esse conteúdo nas aulas de Educação Física.

Para a entrevista foi usado o aplicativo de vídeo-chamada, Zoom para conseguir o acesso aos professores. Por já pertencermos a área do Hóquei sobre Grama, entramos em contato com um professor que possui grande influência na expansão do Hóquei sobre Grama no país, atuando diretamente com federações e criação de equipes e a partir dele, fomos em busca de mais profissionais da educação para serem entrevistados. Todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Não entrei em contato com as escolas, o contato foi diretamente com os professores entrevistados.

As perguntas das entrevistas foram selecionadas por meio do diálogo entre orientador e orientando e a partir de dúvidas que surgiram após ler e analisar alguns projetos e artigos sobre o Hóquei sobre Grama. Buscando compreender melhor algumas questões, foram criadas perguntas que serviriam para saciar as dúvidas a respeito do que e como foi ensinado o Hóquei sobre Grama nas escolas. Os artigos e projetos que influenciaram nas escolhas das perguntas foram “Hóquei sobre Grama e Indoor. Um relato de experiência sobre o processo de ensino aprendido na escola”. KLEIN (2016), “Iniciação Esportiva no Hóquei sobre Grama e Indoor: o Perfil de Seus Praticantes”, MACHADO (2014).

As perguntas da entrevista foram:

1. Conte um pouco sobre sua formação inicial (local e período).
2. Você possui alguma outra formação ou alguma pós graduação?
3. Você trabalha na escola a quanto tempo?
4. Você trabalha em mais de uma escola?
5. Você trabalha em outro local e função?
6. O hóquei sobre grama é um conteúdo presente no currículo de sua escola ou você ensina por conta própria?
7. Em qual ano escolar o hóquei sobre grama é ensinado?
8. O que você ensina sobre o hóquei sobre grama?
9. Como você seleciona os conteúdos das suas aulas?
10. Quais conteúdos técnico-táticos são ensinados?
11. Quais conteúdos socioeducativos são ensinados?

12. Quais conteúdos histórico culturais são ensinados?
13. Como você ensina o hóquei sobre grama?
 - a. E os conteúdos técnico-táticos?
 - b. E conteúdos socioeducativos?
 - c. E conteúdos histórico culturais?
14. Quais bases metodológicas você se inspira para ensinar hóquei sobre grama?
15. O jogo é utilizado como meio de ensino?
16. Como você utiliza o jogo em suas aulas?
17. Quais materiais você costuma usar? Oficiais, de iniciação, adaptados?
18. Comente um pouco sobre sua interação com seus alunos.
19. Quais as dificuldades enfrentadas para se conseguir criar um ambiente propício para a prática do Hóquei sobre Grama na escola?
 - a. E fora da escola?
20. Qual sua motivação para transmitir essa prática? Gosto pelo esporte? Falta de visibilidade? Desenvolvimento físico, mental e social do aluno? Comente sobre.
21. Quais aspectos você pretende focar para atrair mais alunos no esporte?
22. O aumento no número de alunos, de ambos os sexos podem acabar por tornar o esporte mais conhecido e bem visto pela sociedade? Comente;
23. Quais os pontos você considerou importantes para que atraísse mais alunos nas suas aulas?
24. Como fazer o esporte ser mais reconhecido num país em que as mídias focam apenas em um pequeno número de esportes? Comente
25. Quais os benefícios que você reparou nos alunos a respeito do desenvolvimento deles com o esporte?

(Quadro 2- Perguntas das entrevistas). (Fonte: O próprio autor).

Importante destacar que as entrevistas com os(as) 5 professores(as) só foi realizada após a aprovação no comitê de ética.

As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio da Análise Temática em suas seis fases (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2017; SPARKES; SMITH, 2014). Assim, na 1ª fase, o primeiro foi realizado leituras das

entrevistas transcritas a fim de se familiarizar com as informações. Na 2ª fase foram gerados códigos de trechos das entrevistas por meio da ferramenta comentários do *Word*. Na 3ª fase, os códigos ficaram copiados em uma planilha do *Excel* (*imagens abaixo*) e os temas similares serão pintados com a mesma cor. Na 4ª fase, os temas foram revistos para certificação de que todos foram abrangidos. Na 5ª fase, os temas foram nomeados e na 6ª fase foi-se iniciada a escrita.

Quadro 3:

	JIGORO	MAYRA	KANO	SHOHEI	ONO
1					
2	Hóquei <i>não era parte do currículo</i>	<i>Idades dos alunos</i> que tiveram a prática do hóquei sobre grama	<i>Idades dos alunos</i> que tiveram a prática do hóquei sobre grama	<i>Idades dos alunos</i> que tiveram a prática do hóquei sobre grama	<i>Idades dos alunos</i> que tiveram a prática do hóquei sobre grama
3	Conteúdo: hóquei, BNCC e invasão	Materiais usados para inspiração para ensinar o hóquei	Materiais usados para inspiração para ensinar o hóquei	Como é ensinado o hóquei (Lúdico para os mais novos, com poucas regras. Jogos e festivais, inclusão de regras para os mais velhos)	Materiais usados para inspiração para ensinar o hóquei.
4	A inserção do hóquei nas escolas	Como é ensinado (Estafetas e competições)	Aspectos motores que são ensinados	O que é ensinado (Técnicos e regras)	O que é ensinado (Parte teórica, anatomia, fisiologia)
5	Anos de ensino.	Fundamentos técnicos que são ensinados	Materiais usados para inspiração para ensinar o hóquei	Aspectos socioeducativos. (Trabalho em equipe. Companheirismo. Formar cidadãos)	Como é ensinado o hóquei. (Parte técnica. Muitas repetições. "Trabalho antigo")
6	Formas de ensino	Como são ensinados os fundamentos táticos	Fundamentos técnicos do hóquei que são ensinados	O que e como são ensinados os conteúdos histórico-culturais	Conteúdos socioeducativos que são ensinados. (Princípios, valores, fair play)
7	Os métodos de iniciação no Hóquei.	O que e como são ensinados os conteúdos socioeducativos. (Perguntas, atitudinal, respeito, ajudar o outro.)	Fundamentos táticos do hóquei que são ensinados	Como é ensinada A metodologia para o desenvolvimento do esporte. Espiral. Informação aos poucos)	Conteúdos histórico-culturais que são ensinados
8	O que é ensinado	O que e como são ensinados os conteúdos histórico-culturais	Fundamentos técnicos do hóquei que são ensinados	O jogo como meio de ensino	Como é ensinado. (A metodologia para o desenvolvimento do esporte. BNCC.)
9	Materiais didáticos.	Como é ensinada. (A metodologia para o desenvolvimento do esporte. Estafetas, circuitos, atividades de	Conteúdos socioeducativos que são ensinados	Como é usado o jogo nos anos iniciais componentes de outras disciplinas	Como é ensinado (O jogo como forma de ensino)
10	As diferentes situações táticas no hóquei.	Como é ensinado (O jogo como forma de ensino)	Como são ensinados os conteúdos socioeducativos	Materiais didáticos	Como é ensinado. O jogo como forma de ensino. (Inicialmente as regras são bem menos rígidas, avançado cobrando mais)
11	O que é ensinado.	Materiais didáticos	O que e como são ensinados os conteúdos histórico-culturais	Interação aluno-professor. (Fazer com que todos participem. Interação)	Materiais didáticos
12	Como é ensinada. (A metodologia para o desenvolvimento do esporte)	Interação dos alunos com a prática do hóquei	Como é ensinada (A metodologia para o desenvolvimento do esporte. Abordagem desenvolvimentista/ Gallahue/Abordagem construtivista)	Obstáculos da prática do hóquei nas escolas. (Falta de conhecimento dos integrantes da escola. Resistências do corpo docente)	Interação aluno-professor. (Professor amigo, proximidade)

(Quadro 3: códigos das entrevistas pintados com cores semelhantes aos temas estabelecidos).

(Fonte: o próprio autor).

Quadro 4:

13	O Jogo como forma de ensino	Obstáculos da prática de hóquei. (Falta de material, local, infraestrutura)	Como é ensinado (O Jogo como forma de ensino)	Obstáculos da prática de hóquei. (Continuidade, falta de local adequado)	Obstáculos da prática de hóquei nas escolas.
14	Interação professor-aluno.	Força motivadora do educador. (Expansão do esporte. Aumentar o número de praticantes.)	Materiais didáticos.	Força motivadora do educador. (Gosto pelo esporte. Surgimento de possibilidades de viagens)	Obstáculos da prática de hóquei. (Falta de conhecimento. Pouco interesse)
15	Os obstáculos da prática de hóquei nas escolas.	Atrativos para o crescimento da prática. (Formação de professores)	Interação aluno-professor. (Relação de respeito)	Atrativos para os alunos. (Esporte olímpico. Pode ser colocado na escola. Possui diversos)	Força motivadora do educador. (Trazer novidades. Competição. Inclusão.)
16	A pirâmide do desenvolvimento do hóquei.	Expansão do esporte. (Visibilidade ao esporte feminino)	Obstáculos da prática de hóquei. (Planejamento específico. Inclusão. Diferença na velocidade do desenvolvimento. Segurança)	Atrativos para o crescimento da prática. (Motivar os alunos. Mostrar que é possível participar de campeonatos)	Atrativos para os alunos. (Competições)
17	Os obstáculos da prática de hóquei.	Expansão do esporte. (Formação de professores. Desenvolver o esporte nas escolas. Busca de	Força motivadora do educador. (Apresentar novidade)	A desigualdade de gêneros para o avanço do esporte no Brasil.	Atrativos para o crescimento do esporte. (Histórico de competições)
18	O encorajamento do professor.	As vantagens da prática de Hóquei sobre Grama nos alunos. (Desenvolvimento social. Um ajuda o outro)	Atrativos para os alunos. (Material, jogos, curiosidades, diversão)	A divulgação o para o progresso do esporte (Jornal. Apresentação do esporte nas escolas)	Falta de conhecimento público
19	Os obstáculos da prática de hóquei.	Desenvolvimento motor (Esportes de taco e raquete)	Atrativos para o crescimento da prática		Divulgação do esporte (Trabalho de formiguinha. Capacitação de professores. Acesso aos
20	A inclusão do aluno em um grupo como forma de atrativo ao esporte.		A expansão do esporte		As vantagens da prática de Hóquei sobre Grama nos alunos. (Valores)
21	Pontos atrativos para o crescimento da prática.		Divulgação do esporte para o crescimento		
22	A divulgação para o progresso do esporte		Divulgação do esporte para o crescimento		
23	A divulgação para o progresso do esporte		As vantagens da prática de Hóquei sobre Grama nos alunos. (Desenvolvimento técnico. Igualdade. Empoderamento. Inclusão. Incentivo)		
24	As vantagens da prática de Hóquei sobre Grama nos alunos.				

(Quadro 4: códigos das entrevistas pintados com cores semelhantes aos temas estabelecidos).

(Fonte: o próprio autor).

6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS com o número CAAE 48816621.5.0000.5347. Todos os participantes da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e no mesmo estava as informações a respeito deste trabalho, sendo elas o objetivo do mesmo e também os procedimentos para a realização deste projeto. Os participantes assinaram este documento presencialmente e foram realizadas as entrevistas. Foram avisados por meio deste que nenhum nome seria revelado, ou seja, a identidade do entrevistado foi preservada. Para isso, foram usados nomes fictícios para diferenciar as respostas de cada entrevistado. Essa participação teve o risco mínimo à saúde, e teve o cuidado para que o entrevistado não fosse submetido (a) a situações constrangedoras e risco mínimo de vazamento de informações. Para amenizar os eventuais riscos, os participantes podiam optar por recusar a participação na entrevista durante qualquer momento do processo, e também solicitar para que alguma pergunta não seja respondida ou ainda solicitar para que a informação seja retirada. Por ser uma entrevista direta com os professores, não teve envolvimento de nenhuma escola ao qual o professor tenha vínculo. Todos os dados da pesquisa são confidenciais, até mesmo as gravações e áudios. Sendo assim, todos os dados e documentos desta pesquisa foram armazenados digitalmente num HD externo por um período de cinco anos. Este estudo não trouxe quase nenhum benefício direto para os entrevistados, visto que é um trabalho acadêmico que teve como função de compreender o que e como os professores ensinam o Hóquei sobre Grama. A partir desta pesquisa foi-se possível ter uma visão a respeito de como foi trabalhado o Hóquei sobre Grama nas escolas e também poderá vir a deixar evidenciado métodos de introduzir este esporte nas escolas, buscando uma expansão deste esporte no país.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas dos entrevistados foram escolhidos temas que abrangem e correlacionam as falas dos participantes de acordo com as suas experiências como professores de Hóquei sobre Grama. Para isso foram selecionados sete temas, sendo eles: “1. As vantagens da prática do hóquei

sobre grama”, “2. A inclusão do aluno em um grupo como forma de atrativo para o crescimento da prática”, “3. Obstáculos encontrados para a realização da prática de Hóquei, dentro e fora da escola”, “4. A divulgação do esporte para a expansão da prática no Rio Grande do Sul”, “5. Força motivadora do educador”, “6. Os conteúdos que são lecionados” e “7. A metodologia para o desenvolvimento do esporte”. Alguns temas foram separados em subtemas com nomenclaturas diferentes para que corresponda de forma efetiva e de melhor entendimento. Esses subtemas foram inseridos esquematicamente partindo do número de origem do tema, e seguido por uma letra. Por exemplo: o “tema 9” (fictício) possui 3 subtemas que foram separados em 9.1., 9.2. e 9.3.

7.1 AS VANTAGENS DA PRÁTICA DO HÓQUEI SOBRE GRAMA:

Para este tema foram levadas em consideração as falas dos professores. Retratando o que percebem e acreditam que sejam as vantagens do Hóquei sobre Grama. Busquei relação entre as falas dos professores e destaquei as principais ideias abordadas por eles, sendo elas relacionadas ao comportamento socioafetivo e motores. Alguns professores apontaram que uma das vantagens socioafetivas é o ensino da coletividade, como pode ser visto na fala do Jigoro que menciona: *“eu acho que o entendimento de coletividade eu acho que é um dos principais, de respeitar o adversário, de respeitar o colega, isso é um trabalho bem árduo”*. Mayra concorda sobre este assunto e afirma também a respeito de soluções de problemas quando comenta:

“Vocês têm que se ajudar, o que aconteceu de errado naquela recepção, que ele não conseguiu fazer? Ah tem que inclinar um pouco mais o taco à frente e não inclinar ele em direção ao pé”, ou algo do tipo. Essa questão mais social envolvida de um ajuda o outro.

Como pode ser analisado no estudo de Galatti e Paes (2006) que relatam que em relação ao desenvolvimento socioafetivo da prática desses tipos de jogos, proporciona à criança noções de coletividade, companheirismo, relacionamento com jogadores da equipe e com adversários e é justamente quando a habilidade individual se torna mais útil e importante se for aplicada em benefício do coletivo.

Comentando um pouco sobre as vantagens físicas e motoras Mayra também aborda o uso de materiais diferentes do que os alunos estão acostumados e isso pode gerar uma facilidade no uso destes materiais com o passar do tempo:

Em relação ao desenvolvimento motor acho que a gente tem muito pouco esporte relacionado a esporte de taco, raquete de forma geral na escola, principalmente pública. Então essa questão do desenvolvimento motor com o taco na mão é muito importante para as crianças, porque elas não desenvolveram antes com relação ao taco a facilidade adulta de conseguir praticar facilmente o esporte.

7.2 A INCLUSÃO DO ALUNO EM UM GRUPO COMO FORMA DE ATRATIVO PARA O CRESCIMENTOS DA PRÁTICA:

Este tema seguiu com a ideia de analisar o que atrai os alunos para que eles sigam com o gosto pelo esporte e continuem incluídos no grupo de praticantes do Hóquei sobre Grama. Esta temática foi separada em dois subtemas sendo eles: 2.A. Interação aluno professor, que vai tratar de analisar a relação dos alunos com os professores, tentando analisar formas de manter eles integrados e permanecerem praticando o Hóquei sobre Grama. 2.B. Atrativos para os alunos, foi avaliado o que faz com que os alunos achem o esporte interessante e atrativo nas aulas, buscando pontos para que os alunos gostem e participem das aulas.

7.2.1. Interação aluno-professor

O subtema 2.A. remeteu a interação aluno-professor. Assim, foram analisados os trechos das entrevistas que apresentaram questões referentes as formas de como os professores se relacionavam com seus alunos durante as aulas. Foi possível constatar diversos modos diferentes de convívio. Kano menciona que busca uma abordagem linear, com respeito entre as partes, sem superioridade e com bastante diálogo para resolver os conflitos. Como pode ser visto nesta passagem:

A gente tenta fazer uma abordagem linear com eles, sem ter o conceito de superioridade e autoritarismo. Com uma mediação da aula ao invés de só direcionar eles para o que eles vão fazer. É uma linguagem linear, sentamos em roda, dialoga, sem

utilizar instrumentos de direcionamento, como apitos ou palmas ou até a voz alta, é sempre um convívio em grupo, resolução de conflitos em grupo, com uma mediação da aula ao invés de só direcionar eles para o que eles vão fazer.

Visto que o professor busca este convívio e o uso de diálogos sucintos e buscando esclarecimentos, ele utiliza uma abordagem que parece se aproximar da crítico-emancipatória que de acordo com Kunz (2004) precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. E uma racionalidade com o sentido do esclarecimento implica sempre uma racionalidade comunicativa. A educação é sempre um processo onde se desenvolvem "ações comunicativas". Com isso, o aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nessa vida, através da reflexão crítica.

Enquanto o Kano busca um olhar mais voltado para o lado do esclarecimento com ações comunicativas, Shohei mencionou que quer ser um professor diferente, que foge do que ele comenta ser mais um professor que somente larga a bola e deixa os alunos fazerem o que quiserem. Além disso, ele comentou que preza muito a participação de todos os alunos e, quando necessário faz adaptações das aulas. *“O que eu não queria ser era mais um professor de Educação Física, aquele professor que larga a bola para os alunos jogarem, não é essa a minha ideia, a minha ideia é que tenha a participação de todos, tentava adaptar as aulas”*. Ono segue uma dinâmica de ser o “professor amigo”, tendo uma boa relação com seus alunos, relatando: *“Ótima, meus alunos para mim são meus amigos, eu sempre levo desse jeito e é desse jeito que eu sei dar aula. Eu não consigo ser assim tão longe do aluno, sou muito próximo dos meus alunos. Na escola a gente é pai, a gente é irmão, fala diversos assuntos”*. A interação do professor com o aluno, de acordo com Castagnoli (2009), pressupõe que nas aulas de Educação Física na escola a figura do professor é muito importante e necessária. A participação do educador envolve o elo afetivo, que inclui os relacionamentos interpessoais e

possibilita, através das atividades corporais esportivas, culturais e cooperativas, experiências positivas e negativas. Com isso, é capaz de ensinar a conviver harmoniosamente uns com os outros.

7.2.2 Atrativos para os alunos

Os professores comentaram sobre o que percebiam que os alunos gostavam nas suas aulas. Kano mencionou diversos aspectos que conseguiu observar durante suas aulas e que ele acredita que pode ser um atrativo para seus educandos, sendo eles: trazer atividades que envolvam o jogo, se apropriar de novidades, uma aula não muito voltada para a técnica, fazendo com que os alunos se divirtam, entre outros. Como pode ser visto na passagem:

Um dos aspectos que eu falei é usar o material oficial, trazer uma aula diversificada com jogo, não sendo muito engessada só com técnica, fazer eles se divertirem, trazer novidades, trazer curiosidades, trazer um contexto histórico e cultural do esporte, além da relação entre eles mesmos. São vários aspectos que a gente tenta levar em conta na hora de planejar uma aula e na hora de aplicar.

Outro fator importante para atrair os alunos para praticarem o esporte foi o fato de ser parecido com o futebol, como menciona Shohei: *“mostrar para eles que o hóquei é um esporte olímpico. ‘Ele vai estar presente no rio 2016, ele é 11 jogadores, igual ao futebol’”*. O mesmo entrevistado também comenta sobre a possibilidade de os alunos participarem de campeonatos e estarem disputando medalhas: *“A ideia inicial era essa. Mostrar que o hóquei tem sim como ser colocado aqui na escola, num clube, que é um esporte olímpico e que vão disputar medalha”*. Ono comenta algo similar a isso quando menciona sobre as possibilidades de conseguir bolsa atleta, visto que é um esporte pouco conhecido no Brasil e com isso as chances de se ter sucesso são maiores: *“As competições estaduais e nacionais, sempre comentando do bolsa atleta que ajuda os atletas a”*. Essa afirmação vai ao encontro com as palavras de SCAGLIA; MONTAGNER; SOUZA, (2001); SCAGLIA; GOMES, (2005):

A competição é elemento fundamental do esporte, que dá sentido à sua existência, e é nela que a manifestação do esporte se realiza em sua plenitude. Portanto, qualquer ação orientada para o ensino e aprendizagem do esporte não está desvinculada da necessidade de se aprender a competir. Seja nas

aulas de Educação Física escolar (ensino formal) ou nas Escolas de Esportes ou Centros de Treinamento (ensino não-formal).

Este estímulo para os alunos com o objetivo de abrir os olhos para as competições consegue atingir certa importância para a vida dos praticantes, para além da prática como sendo apenas uma atividade que eles têm que fazer durante a aula, mas também os fazendo terem uma visão para outros caminhos.

7. 3 OBSTÁCULOS ENCONTRADOS PARA A REALIZAÇÃO DA PRÁTICA DE HÓQUEI, DENTRO E FORA DA ESCOLA:

Neste tema serão discutidas as dificuldades que os professores encontraram na hora de conseguir ofertar a prática de Hóquei. Nesta temática foram reunidos comentários dos entrevistados de acordo com suas vivências para incluírem um esporte desconhecido nas suas aulas, buscando fatores em comum e também análises diante do que foi abordado.

Quando mencionado sobre as dificuldades, pode ser possível analisar uma constância nas falas dos entrevistados diante este assunto. Um destaque sobre os obstáculos da grande maioria dos professores foram a falta de material, local apropriado e a aceitação dos diretores e professores sobre incorporar a prática do Hóquei sobre Grama, devido à falta de conhecimento e também a respeito do fator segurança. Fica evidenciado esse último fato na fala de Kano quando menciona: *“Outra dificuldade que diz respeito à segurança, porque como é jogado com um taco é um material que pode acontecer de ter um contato do taco com uma região do corpo, rosto, mão, perna, então precisa criar um ambiente propício para ser seguro”*. O Shohei também concorda sobre segurança, antes da inclusão do material adaptado para a prática do esporte nas suas aulas quando comentou: *“quando eu chegava numa escola com o material oficial e um diretor e um professor de educação física segurava um material e aquela bolinha de 160 gramas. No início foi complicado, mas depois lá por 2015, 2016 com a chegada dos tacos de plástico facilitou muito”*.

No que diz respeito a aceitação dos diretores das escolas Shohei remete a seguinte fala:

Primeira dúvida que surge é quando vai chegar na escola para oferecer o hóquei para dizer que a gente vai dar uma aula de hóquei, vem o diretor dizendo: “não, o hóquei no gelo aqui na minha escola não. Eles vão se machucar”. Então a primeira associação que eles fazem, ou até o próprio professor de Educação Física faz, já que nem todos tem o conhecimento desses esportes que não são os tradicionais. Eles ficam sempre com um pé atrás.

Como foi possível concluir sobre o que foi dito pelo entrevistado, muitas vezes a falta de conhecimento do público com relação ao esporte é muito perceptível, visto que associam com um esporte bem diferente do que os professores querem ensinar para as crianças. Pudemos ter outro exemplo sobre essa afirmação na frase do Jigoro que menciona:

Quando nós ministrávamos cursos, os professores nos diziam que gostaram da modalidade e viam um baita potencial, mas não conseguiam levar para a escola deles, então a gente foi buscando alternativas e te digo alternativas para o Brasil né, porque o Brasil não possui a cultura dessa modalidade.

Seguindo para outro ponto que aborda a falta de material e ambiente apropriado para a prática, a Mayra fez a seguinte análise:

Eu tinha o material de plástico, mas eu tinha que pegar ele na UFRGS e tinha que levar no ônibus e levar para a escola. E também as quadras eram de cimentos batido e isso dificultava muito a prática e não tinha uma base com que as bolinhas não saíssem da quadra, então a bolinha ia longe, e as crianças tinham que ir lá pegar a bolinha e voltar o jogo. Demorava muito com relação a isso. Muito mais o material do que a relação de outras questões.

Já o Jigoro nos remeteu a uma pergunta: *“Fora da escola eu te diria um exemplo clássico: qual espaço é próprio para a prática do hóquei no Brasil? Poucos, todos a gente teve que adaptar”*. Essa análise sobre espaço e material serviu como reflexão para mostrar que ainda enfrentam vários obstáculos para conseguir transmitir a prática de forma efetiva.

Um destaque importante mencionar foi a fala do Ono que abordou não haver dificuldades para conseguir transmitir a prática na escola. Contemplando a seguinte frase:

Eu não tenho dificuldades por onde eu tenho passado, todas as escolas nas quais eu levei o hóquei, foi muito bem aceito, nunca tive problema com direção de escola, nada, as quadras que a gente sempre usou sempre deram para levar a prática do hóquei dentro da escola.

Mas quando foi perguntado sobre as dificuldades enfrentadas fora da escola ele mencionou sobre a falta de conhecimento sobre o esporte, como pode ser visto na passagem:

É um pouco mais complicado, porque tem essa questão cultural que os alunos não conhecem, porque dentro da escola eles vão ser obrigados a fazer, já força. Tu inicias um projeto na escola, e fora é difícil conseguir essa busca, se tu crias um projeto avulso, sem ninguém ter conhecimento da modalidade eu não acredito que dê certo.

7.4 A DIVULGAÇÃO DO ESPORTE PARA A EXPANSÃO DA PRÁTICA NO RIO GRANDE DO SUL:

Neste tema foram analisadas as respostas dos professores sobre como fazer com que o esporte se expanda atingindo um maior número de praticantes e conhecedores da prática. Para este assunto, a experiência de vida dos entrevistados sobre esportes e a sua expansão foi o agravante para que pudéssemos tirar opiniões similares sobre o tema abordado.

Quando esta temática foi abordada pelos entrevistados, foi possível observar uma constante no pensamento da maioria deles. Quando tratado de forma a expandir o número de praticantes e conhecedores do esporte, todos comentaram algo como sendo improvável a ação das mídias para que se tenha uma expansão da prática, visto que em alguns esportes o Brasil possui um histórico vencedor e ainda assim acaba sendo ofuscado pelo Futebol. Como se pode observar na fala de Ono quando menciona:

Pelas mídias eu não acredito que tão cedo a gente tenha um apoio, a gente vê outros esportes, por exemplo, o voleibol, para o Brasil é um esporte super consagrado e mesmo assim não tem um espaço de

mídia, imagina o hóquei, então a gente está muitos anos atrás.

Também pode ser observado pelo comentário do Jigoro que traz a reflexão de que talvez alguém possa investir no Hóquei sobre Grama nas mídias, mas com pouca expectativa. Trazendo o pensamento de que é algo sem retorno positivo para o investidor:

Se algum dia se interessem por isso é porque precisa ter um interesse da mídia para transmitir um determinado esporte, é um dos caminhos normais né, por exemplo, a mídia vai transmitir, mas a mídia precisa ganhar de alguma forma e para isso tem 2 formas né, uma é ter alguém que queira investir dinheiro nisso achando que vai desenvolver a outra seria mais uma aposta da TV, mas ela não teria certeza que teria um retorno, eu visualizo isso como aconteceu com o futebol americano em determinado momento. O futebol americano investiu muito dinheiro no Brasil e chegou a ter transmissão da rádio e eu acho que não teve retorno desejado, porque eu acho que é a longo prazo, a muito longo prazo.

Os demais professores mencionaram a mídia como fator improvável para a expansão do Hóquei sobre Grama no país, devido a fatores de falta de investimento e pouca visibilidade até de esportes consagrados no país, como o Vôlei, por exemplo.

Outro ponto comentado pelos professores que eles pensam que vai ajudar de fato na expansão do esporte é, primeiramente, ensinar outros professores e fazê-los terem conhecimento sobre o Hóquei sobre Grama. Tornando assim, possível que eles ensinem esta prática para as crianças na escola. Inicialmente, tendo uma base para que consigam atingir o maior número de pessoas ao mesmo tempo. Como pode ser visto nos comentários da Mayra que abrange a fala dos outros entrevistados quando fala:

Eu venho a frisar que é tendo um maior número de praticantes e de que forma a gente consegue isso? A forma que a gente vê isso no RS como Confederação é formar professores, dar cursos de Hóquei para os professores. Para esses professores serem os disseminadores do esporte.

Ono também comenta a respeito disso quando menciona:

É esse trabalho de formiguinha que a gente faz, primeiro capacitando professores que são os que estão na linha de frente dentro da escola eu acho que é esse trabalho de formação de professores, acesso aos materiais para a prática do hóquei e preparar esse

peçoal. É questão de tempo, a gente vê muitos estados que nem tem hóquei ainda, tem muita coisa para crescer.

Outra fala importante sobre o assunto é a do Kano que comenta sobre alguns locais onde se é trabalhado o Hóquei sobre Grama, e também políticas públicas e a aquisição do mais recente campo para treinamento de Hóquei em Canoas, quando fala:

Tem a cidade de São Leopoldo que a gente trabalha, a cidade de Porto Alegre também trabalha, Farroupilha. Algumas atividades em faculdades, oficinas, a UFRGS tem cadeira específica do esporte. Porém a gente precisa de mais políticas públicas. A gente conseguiu a primeira vez ali em Canoas, mas se conseguir mais interação das políticas públicas dos estados, o esporte consegue ficar mais conhecido.

Esta fala deixa evidenciado que os professores estão buscando expandir o conhecimento dos outros indivíduos a respeito do esporte e buscando vários locais para que o Hóquei sobre Grama seja praticado.

7.5 FORÇA MOTIVADORA DO EDUCADOR:

Este tema retrata a opinião dos entrevistados sobre o porquê de eles ensinarem e transmitirem a prática de hóquei para seus alunos. Buscamos um assunto mais pessoal para discutir sobre o que inspira esses professores a ensinarem um esporte tão diferente dos que os brasileiros estão acostumados a ver e jogar. Quando abordada esta questão para os participantes, embora tivessem alguns motivos similares, como por exemplo, trazer uma novidade para os alunos, a maioria foram motivações diferentes. Levar a novidade, o gosto pelo esporte, o desenvolvimento do aluno, o aumento no número de praticantes, a facilidade em participar de campeonatos, poder fazer viagens e também a inclusão de todos foram os objetivos que levaram os entrevistados a começarem a ensinar o esporte por onde passaram.

A fala do Jigoro retrata sobre ajudar no desenvolvimento de seus alunos, tendo o hábito de transmitir seus conhecimentos para os outros: *“Desenvolvimento do próximo, do aluno, das pessoas. Eu comecei com o hóquei basicamente em 2 projetos sociais e eu acho que isso ficou enraizado. Eu tenho esse hábito, eu gosto de transmitir o conhecimento que eu tenho e de*

forma voluntária". Já a Mayra aborda a questão de querer que outras pessoas conheçam o esporte:

Minha motivação é fazer com que muito mais crianças, muito mais adultos conheçam o esporte. Que ele é um esporte de certa forma muito legal de praticar, porém poucos conhecem ele. Fazer com que o esporte cresça de certa forma, fazendo com que tenhamos hóquei em todos os lugares do RS, porque essa é minha motivação em relação ao trabalho do Hóquei.

O Kano comenta brevemente que: *"Por ser uma prática nova, muitos alunos se identificam com o novo, tanto os menores quanto os mais jovens adoram novidade e para mim, poder apresentar uma novidade para eles é a maior motivação que eu vejo"*. Shohei aborda sua carreira viajando com a equipe e o surgimento de cursos em cima do esporte quando comenta:

O hóquei oportunizou várias viagens. Poder viajar e disputar campeonato brasileiro que nos outros esportes demoraria muito mais, e no hóquei tem essa facilidade. Após isso, começou a aparecer cursos sobre hóquei, de juiz de mesa, treinador, árbitro. Tudo isso foi ajudando a não desanimar.

E por último Ono buscava além de trazer o novo para seus alunos, também a parte da inclusão, quando menciona:

O hóquei quando apresentado na escola, ninguém sabe nada de hóquei, então todos os alunos saem do zero. Se a gente vai dar uma aula de futsal, sempre tem aquele que não tem tanta vivência, sem uma qualidade técnica e ele mesmo acaba se excluindo por não se achar capaz e acaba perdendo o interesse e no hóquei a gente parte todos do ponto zero. Embora tenha alguma similaridade nas motivações, todos possuem seus pontos e objetivos para que possa transmitir o Hóquei sobre Grama para seus alunos.

7.6 OS CONTEÚDOS QUE SÃO LECIONADOS:

Este tema engloba tudo o que os professores de Educação Física entrevistados ensinam para seus alunos, tanto os quesitos motores, técnicos e táticos, quanto os socioeducativos e também histórico-culturais. Para esta temática foram separados subtemas de acordo com diferentes assuntos ensinados pelos entrevistados. Os subtemas são: 6.1. Fundamentos Técnicos.

6.2. Fundamentos Táticos. 6.3. Conteúdos Socioeducativos. 6.4. Conteúdos Histórico-Culturais.

Sobre este tema foi possível analisar muitas relações sobre o que se é ensinado pelos professores. Os conteúdos ensinados sempre foram muito similares, se não, iguais aos dos outros.

7.6.1 Fundamentos Técnicos:

Este subtema foi abordado por todos os professores. De acordo com as entrevistas, os professores parecem buscar um padrão de técnicas, como pode ser observado no comentário do Jigoro: *“tecnicamente eu busco a condução o desarme, o drible, o passe, a recepção né sempre tá casada com o passe e arremate ao gol, algumas técnicas de goleiro”*. Mayra menciona sobre as técnicas ensinadas também: *“conteúdos técnicos de empunhadura, de condução de bola, passe push, drible, de desarme. Eu acho que com relação a técnica é muito mais desses fundamentos técnicos”*. Para uma melhor compreensão sobre fundamentos técnicos, Silva e Zamai (2013) mencionam que os fundamentos são essenciais na decisão do resultado do jogo. Enquanto Voser (2003) traz a definição da técnica como sendo todos os gestos ou movimentos realizados pelo atleta que permite dar-lhe continuidade e desenvolvimento ao jogo. Ou também como uma sequência sem fim de movimentos realizados em uma partida. Os professores tiveram como base o mesmo ensinamento sobre o que seria transmitido de fundamentos técnicos, mas o Shohei menciona não trabalhar muito essa parte nos anos iniciais, apenas focando essa parte do 4º ano em diante, quando menciona:

1º 2º e 3º anos a gente não cobra essa parte, mas alunos do 4º 5º 6º 7º 8º 9º a gente já começa a trabalhar regras, técnicas, a história do short corner, para o hóquei indoor ele é muito importante, cobrar da maneira correta, conseguir para o taco todo ele na horizontal, todos esses detalhes que tem a gente tenta aplicar, desde a primeira aula.

Quando trata sobre a maneira correta de segurar o taco, visto que nas regras só pode tocar bola com um lado específico do taco, precisa-se segurar de forma a tocar apenas com essa parte do taco na bola, então o Kano menciona: *“A gente ensina o domínio, que chamamos de recepção, recepção*

baixa, recepção por desaceleração, a gente explica como que se faz a empunhadura, no caso como que a gente pega o taco né da maneira certa”.

7.6.2. Fundamentos Táticos:

Quando perguntei para os professores sobre Fundamentos Táticos que eles ensinam, num modo geral, eles abordam a tática de grupo, mais conhecido como sistema de jogo, sem mencionar os fundamentos táticos individuais. Sobre isso Gonzalez e Bracht (2012) mencionam que o sistema de jogo é a noção das possibilidades de atuação coordenada com um ou dois colegas para dar continuidade a uma ação ofensiva ou defensiva, combinando seus movimentos com outro companheiro de equipe. Além de deslocar-se de maneira eficaz e com velocidade para receber um passe para finalizar, e também de ajudar na hora da defesa quando a posse de bola é do time oposto. Gonzalez e Bracht (2012, p. 35) ainda mencionam que tática individual se difere de sistema de jogo, pois de acordo com eles: “Tática individual é o discernimento para adaptar-se de forma consciente diante de situações nas quais os sujeitos têm que escolher entre as diferentes alternativas, em função de seus adversários” (p.35). Podendo o atleta estar com a posse da bola, onde deve-se ter velocidade e precisão na hora de passar para o colega ou mudanças rápidas de direções e treinando sua postura de defesa.

Sobre isso, este subtema teve resultados distintos do que os professores entrevistados costumam ensinar. Jigoro aborda a criação de situações de jogo e formações diferentes:

E táticas aí sim como eu comentei anteriormente eu crio situações na quadra que possibilitem eu comentar ó: 2 atacantes, 2 defensores ou 2 defensores, 2 alas e 1 atacante. Nessa ideia eu vou trabalhando esquemas táticos e vou mostrando como vou trabalhando taticamente.

O Kano comenta mais especificamente os sistemas de jogo que ele trabalha, buscando variações para serem abordadas nas aulas:

A gente trabalha também a questão da movimentação tática também, posicionamento, se a gente quer trabalhar o hóquei indoor que são 5 na linha tem vários esquemas, 2-3, 3-2, 1-4, 4-1, enfim vários esquemas diferentes. Não fugindo destes pontos principais.

Outros professores não comentaram mais detalhadamente sobre este assunto.

7.6.3. Conteúdos Socioeducativos:

Neste subtema foi destacado pelos professores de maneira mais específica a questão do respeito, igualdade e segurança em relação aos materiais e aos colegas. Jigoro menciona:

Acredito que sempre né, o trabalho com hóquei proporciona isso de forma vigorosa né, porque tu tá com um instrumento que se tu não tiver um cuidado a mais tu pode acabar machucando o colega né. A questão de educar como manusear o material sem colocar ninguém em risco, dando prioridade para a segurança acima de tudo e social.

Já Ono completa: *“Baseado mais na questão de valores, conduta, princípios, isso aí a gente já utiliza em qualquer outro esporte. O Fair play como uma conduta moral e ética”*. A importância dos conteúdos socioeducativos para o desenvolvimento das crianças ajudando-as a tornarem cidadãos que entendem sobre companheirismo e trabalho em equipe, é um fator comentado pelo Shohei:

A gente quer primeiro que eles sejam cidadãos, principalmente quando é na escola pública. Os alunos muitas vezes têm que ter obediência às regras. Tem todo um sistema que a gente faz para dizer para eles que não é só pegar a bola e agora vocês saem jogando, vai ganhar aí quem for melhor, não. A gente tenta mostrar que tem que ter companheirismo. Não é pegar a bola sair e tentar fazer o gol, tem que fazer o passe, tem que ajudar quando o time tiver com problema, tudo isso aí a gente tenta explicar nas aulas.

De acordo com Ferreira et al, (2019) os aspectos socioeducativos trabalhados em aula ajuda na melhora do comportamento dos jovens, maior envolvimento com as atividades da escola, respeito, cooperação e solidariedade.

7.6.4. Conteúdos Histórico-Culturais:

Neste subtema podemos perceber que teve uma grande sincronia nos fatos quando os entrevistados todos mencionaram que ensinaram sobre a história do esporte, falando do histórico de medalhas dos países e a participação do Brasil nos campeonatos. Como mencionado pela Mayra:

Eu abordei questões mais de história que é um jogo muito próximo na verdade do futebol que ele era um esporte muito antigo, mas que no Brasil ele é de certa forma muito recente de 98 que acho que foi o primeiro campeonato internacional que o Brasil

participou então tem uma questão histórica e cultural muito recente, ainda mais no Rio Grande do Sul.

Kano complementa um pouco mais sobre este assunto quando menciona trazer novidades e curiosidades para os alunos:

A gente tem pouco material em cima do hóquei, sempre tenta trazer alguma curiosidade, trazer de onde que vem o esporte, trazer a cultura, por exemplo, a gente sempre compara com eles que no Brasil que o esporte que se consolidou foi o futebol, mas que na argentina que é nosso país vizinho, o hóquei é muito forte, com clubes fechados que conseguiram fazer com que o esporte se consolidasse mais. A gente sempre traz para eles vídeos de campeonatos, olimpíadas, trazemos curiosidades, quem é o melhor jogador, quem é o atual campeão olímpico no feminino, no masculino.

Os outros professores não fogem destes assuntos ensinados, relatando brevemente sobre o que ensinam e comentando sobre como ensinam este subtema. Como pode ser visto no próximo tema. De acordo com Galatti e Paes (2015) o referencial histórico-cultural visa fortalecer o trato pedagógico com os conteúdos esportivos na medida em que busca tratar dos conhecimentos que caracterizam o esporte como um elemento cultural e social.

7.7 A METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE:

Para este tema foram analisados o que os professores dizem que utilizam sobre metodologias durante suas aulas. Buscando saber como que foi ensinado o esporte, seus aspectos técnico-táticos, socioeducativos, histórico-culturais e também como que o jogo foi inserido em suas aulas, juntamente analisando os materiais e os locais que foram utilizados para a realização de suas atividades. Para esta temática, foi-se necessário dividir em vários subtemas para uma maior compreensão dos fatos e melhor entendimento de assuntos. Os subtemas são 7.1. Materiais didáticos utilizados. 7.2. O jogo como meio de ensino. 7.3. Metodologias de ensino: como são ensinados: 7.3.1. Aspectos Técnico-Táticos. 7.3.2. Aspectos Socioeducativos. 7.3.3. Aspectos Histórico-Culturais. Esta temática enfatizou como seriam ensinados os conteúdos para os alunos dos professores entrevistados.

7.7.1. Materiais didáticos

Este subtema serviu para descobrir quais materiais os professores relatam usar em suas aulas. Neste assunto, houve muita similaridade nas respostas de todos os professores. Todos afirmaram utilizar material de iniciação da prática de hóquei, como bolas de vinil e tacos de plástico. Como mencionado pelo Jigoro: *“Se eu tivesse todos em mãos eu usaria o de plástico primeiro na escola. É fabricado, é bonitinho, ele já vem em vermelho e azul, não precisa nem separar colete, faz o time vermelho contra azul e funciona muito bem”*. Mayra também comenta brevemente sobre: *“eu usava o material de iniciação que é o material de plástico e a bolinha de vinil”*.

Um destaque importante mencionado pelos professores é que, antigamente, não tinham sido criados os tacos de plástico e eles acabavam por usar o material oficial. Com isso, no início do ensino da prática poderia retardar o andamento das aulas. Jigoro comentou sobre este fato:

E tem um detalhe preponderante nisso que foi o surgimento dos tacos de plástico. Antes de nós termos em mãos os tacos de plástico, eu demorava um pouco mais para introduzir o jogo para verificar se eles tinham controle motor suficiente para não se colocarem em risco e não colocarem o colega em risco também. Com a chegada desse material de plástico, consegui avançar mais cedo para o jogo né, podendo ter um nível moderado de desenvolvimento.

O Shohei também mencionou sobre o uso de materiais oficiais: *“Logo no início eu usava o material oficial, fornecido pela federação e depois de um tempo consegui os tacos de plástico e a bolinha de vinil e isso ajudou muito além do material oficial”*. Todos os pensamentos sobre material didático foram voltados para o uso de materiais de iniciação para quem está começando no esporte durante as aulas de Educação Física.

7.7.2. O Jogo como meio de Ensino

Este subtema trata sobre os comentários dos entrevistados sobre como eles abordam os jogos em suas aulas. Ficou evidenciado que todos os professores possuem um método de aplicar o jogo em suas aulas, visto que a sua importância de acordo Paes (2001, p. 77):

O jogo tem uma função mágica, pois ao mesmo tempo que acentua a ludicidade de uma prática que visa ao aprendizado de fundamentos, pode acentuar exigências técnicas, proporcionando melhor execução de movimentos. Para nós, não há hipótese de sinalizarmos para uma pedagogia do esporte sem levarmos em conta o jogo como recurso. (PAES, 2001, p. 77).

Visto isso os professores relataram sobre como usam do jogo, Jigoro comenta sobre jogos reduzidos e sempre analisando fatores que poderiam colocar em risco a saúde dos alunos:

Às vezes na primeira aula eu já fazia algumas brincadeiras e já largava jogos reduzidos, cuidava para que o taco não circulasse muito alto, visualizava isso na troca de passes deles e vamos jogar, de forma reduzida, criava as vezes 3 campinhos e fazia 3x3 ou tentava quebrar dessa forma uma quadrinha pequena às vezes colocava cones, mas eu sempre procurava o jogo.

Mayra mencionou apenas que faz minijogos geralmente 3x3 ou 4x4. O Kano busca uma reflexão envolvendo o trabalho do jogo que remete ao desejo da criança de jogar o Hóquei: *“Sim, sempre tem momento do jogo. Não tem coisa mais chata do que tu for desenvolver uma aula e a criança estar totalmente a fim de desenvolver habilidade, mas ela quer jogar”*.

O Shohei aborda o jogo de outra maneira usando atributos de outras matérias para efetivar um tipo de jogo adaptado:

Se for pegar um exemplo da matemática, por exemplo, dos anos iniciais, a gente utiliza os materiais e a gente pode fazer a contagem, então quando eles vão fazer uma atividade também a gente pode usar números. Numera eles e na hora, agora o número 5 tem que pegar o taco e a bolinha e fazer uma volta por todos. Nos anos finais e ensino médio a ideia é fazer com que eles se sintam à vontade para jogar, mas eu tenho trabalhado mais com os anos iniciais.

E por último o Ono comenta sobre realizar o jogo no final das aulas e, até mesmo, para aulas com iniciantes, com poucas regras, e com o passar do tempo vão progredindo e impondo mais regras:

Na parte final sempre tem o jogo, porque é o que alegra a gurizada. Mas até nas aulas iniciais, quando eu pego uma turma que está iniciando, eu faço um jogo bem aberto, eu deixo a bola bater no pé, eu só paro se o aluno interferir propositalmente, porque senão ele vai se tornar um jogo chato se levar as regras ao pé da letra. Às vezes eles tocam com o lado

contrário do taco, eu não paro o jogo, mas eu aviso eles. E com o passar do tempo a gente vai cobrando as regras oficiais.

Todos os professores entrevistados relatam usar o jogo como ferramenta das suas aulas, mas possuem métodos diferentes de aplicá-lo.

7.7.3. Metodologias de ensino: como são ensinados

Este subtema foi dividido em 3 partes sendo elas descritas como 7.3.1. Aspectos Técnico-Táticos. 7.3.2. Aspectos Socioeducativos. 7.3.3. Aspectos Histórico-culturais.

Quando questionados pelo entrevistador sobre qual abordagem metodológica eles trabalham para ensinar o Hóquei sobre Grama, não se teve um padrão nas respostas, ou seja, todas as repostas foram diferentes entre os entrevistados. Aprofundando um pouco neste contexto, Jigoro menciona não haver uma metodologia certa para se aplicar em todas as turmas, e que usa metodologias diferentes para cada turma de acordo com as exigências que aquele grupo necessita, sendo método global ou analítico:

A gente não tem uma receita de bolo né, digamos 'ah eu vou ensinar o método global em todas as turmas' não tem como, porque o professor é o termômetro ou o maestro, como dizem alguns, por exemplo tu pode preparar para duas turmas aulas com metodologias diferentes, para uma turma tu consegue aplicar o método global, mas para outra tu precisa usar o método um pouco analítico, um pouco global, a gente tinha que ir ajustando de acordo com o caminhar da turma, porque tem turmas que tu tem que levar de outra forma porque senão não evoluem.

Já a Mayra comenta sobre uma metodologia baseada nas suas experiências, levando para a aula de Educação Física diversas atividades:

Eu acho que é um conjunto de fatores da tua prática com o que tu vês dar certo e com o que tu vês dar errado. Então eu comecei a trazer estafetas competitivas com relação a metodologia comecei a trazer circuitos motores de outros esportes, enfim eu acho que livro também eu abordei o manual do professor, então tem várias atividades dentro do livro que abordam um pouco dessa metodologia que eu utilizei.

Enquanto o Kano comenta sobre o uso dos métodos desenvolvimentistas usando como base o Gallahue e seu livro sobre o

desenvolvimento motor, um pouco do método construtivista e afirma ainda usar da pedagogia do ócio:

A nossa base é a pedagogia do ócio, inspirado no campo do lazer. A gente trabalha muito nessa perspectiva do lazer e do ócio, do desfrute da liberdade, de metodologias de construção em grupo. Claro que tem o educador, que a gente planeja, mas é baseado nisso. Também trabalhando as habilidades motoras tem um pouco da abordagem desenvolvimentista, também pegando um pouco da biografia do Gallahue, do livro, compreendendo o desenvolvimento motor, fala muito sobre esse desenvolvimento de habilidades motoras. E talvez um pouco de abordagem construtivista, desenvolvendo atividades em grupo, a galera construindo junto, tendo autonomia para sugerir algo, o colega ajudar o outro, sem o professor ficar direcionando.

Sobre a pedagogia do ócio é importante abordar que de acordo com Wogel, (2013), o ócio é a maneira de vivenciar o tempo livre, onde se façam atividades para o autodesenvolvimento que gerem satisfação pessoal.

Enquanto que a abordagem desenvolvimentista comentada pelo entrevistado, de acordo com Gallahue (1996) a Educação Física Desenvolvimentista reconhece que existe uma relação complexa entre a constituição biológica do indivíduo, as circunstâncias próprias de seu ambiente e os objetivos da tarefa de aprendizagem. O mesmo autor também relata que os objetivos da Educação Física Desenvolvimentista têm seu foco na melhoria da habilidade e da motivação das crianças para atuarem em um ambiente que ao mesmo tempo requer e promove o desenvolvimento da aptidão. Trazendo pensamentos que não possuem relação com a metodologia construtivista, visto que, de acordo com Junior et al (2013) na abordagem construtivista é necessário resgatar a cultura de jogos e brincadeiras dos alunos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Nesta proposta o jogo enquanto conteúdo/estratégia tem papel privilegiado. Sendo considerado o principal modo de ensinar, é um instrumento pedagógico, um meio de ensino, pois enquanto joga ou brinca a criança aprende.

Shohei aborda o fato de ir ensinando os alunos aos poucos, seguindo do mais básico para o mais avançado: *“A ideia é explicar em forma de espiral, começar pelo mais fácil e ir dificultando, não dar muita informação para eles*

num determinado momento, tem que ser aos poucos. Nessa metodologia aí que eu me espelhei”.

Ono menciona apenas usar como base a BNCC sem mais explicações sobre. Importante destacar que a Base Nacional Comum Curricular não retrata sobre como ensinar, apenas traz orientações sobre o que ensinar. Com isso a BNCC aborda oito dimensões do conhecimento que ajudam no desenvolvimento e criação da prática, sendo elas: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário.

Por fim, percebe-se que nenhum professor busca de fato uma receita pronta de como se dar uma aula com sucesso, analisando vários fatores e também abordando de modos diferentes o Hóquei sobre Grama nas suas aulas.

7.7.3.1 Aspectos Técnicos-Táticos

Retratado de forma diversificada sobre como foi ensinado para os alunos de cada professor. Ono comenta que busca um trabalho de várias repetições para depois inserir o jogo: *“Eu sou bem tecnicista nessa parte de técnica, eu faço um trabalho bem antigo de muitas e muitas repetições, porque eu vejo o hóquei se a gente não domina a técnica um esporte bem difícil de se jogar. Então eu faço sempre um trabalho técnico antes do jogo propriamente dito”.* Sobre usar este trabalho antigo conhecido sobre tecnicista, importante ressaltar que em concordância com Ferreira (2009, documento eletrônico):

Também conhecida como tendência Competitivista, Mecanicista ou Tecnicista, a tendência Esportivista ainda hoje é muito representativa na área da Educação Física Escolar. Seus métodos, conteúdos, formas e meios se resumem, como o nome já informa, à prática esportiva, com todas as suas normas, técnicas, táticas e busca de performances. Talvez esta seja a tendência que mais raízes deixou na prática da Educação Física Escolar (FERREIRA, 2009, documento eletrônico).

Jigoro e Mayra abordam os minijogos para desenvolver as crianças no esporte. Mayra menciona: *“eu fiz 3x3 no máximo 4x4 e eu pedia de uma certa forma que os alunos eles se movimentassem de forma de triangulo ou*

quadrado e nem todos estivessem juntos na bola”. Cabe destacar que a importância dos minijogos de acordo com (SADI et al, 2007, p.18):

O conhecimento em esportes deve inicialmente ser adaptado/ajustado às características das crianças – jogadores, que podem facilmente reproduzir diferentes jogos de invasão, retendo um grau de conhecimento dos processos ou técnicas de jogo, transferidos de um para outro – o que justifica a utilização de espaços reduzidos. Também chamados de *mini-jogos*, estas práticas possibilitam a apreensão da similaridade presente nos jogos de invasão, quando as crianças são capazes de conservar os conhecimentos e táticas dos jogos para a realização de outros jogos. (SADI et al, 2007, p. 18).

7.7.3.2 Aspectos Socioeducativos

Estes aspectos são trabalhados em todos os casos comentados pelos entrevistados. Kano comenta que aborda este assunto a partir de rodas de conversas e buscando debates entre os alunos:

No início com uma roda inicial, a gente conversa com eles perguntando como que foi o dia, faz um mapeamento de como eles estão, também retoma as atividades anteriores, se ficou alguma coisa no sentido de conflitos, alguma coisa da aula anterior a gente discute. De maneira geral eu procuro dar autonomia para eles, eles não ficam com aquela coisa mais militarista, só eu falando e mandando e eles fazendo, não, a gente desenvolve alguns circuitos que eles mesmo exploram espaços. A gente conversa com eles, sempre de olho né, fazendo aquela observação, participante, atuando junto dentro da aula com eles, conversando e observando os conflitos.

Enquanto Jigoro aborda um debate a respeito da segurança e como controlar os materiais sem machucar o próximo: *“a questão de educar como manusear o material sem colocar ninguém em risco, dando prioridade para a segurança acima de tudo e social, na educação física até trabalho, converso bastante”*.

Mayra completa as duas citações anteriores quando menciona: *“eu reunia todos e perguntava para eles o que eles tinham trabalhado naquele dia e isso era uma forma de voltar ao conceito e eu trabalhava muito a questão atitudinal também que era uma questão de respeito com o colega na questão de um ajudar o outro”*.

Embora fossem trabalhados alguns aspectos diferentes, a forma como se trabalhava estes conceitos eram muito similares.

7.7.3.3 Aspectos Histórico-culturais

Seguindo em grande parte pelos entrevistados a parte de contar sobre o histórico dos países no quadro de medalhas da modalidade e a história do esporte em geral, os entrevistados comentaram que faziam um momento das suas aulas para trazer informações teóricas do esporte. Shohei comenta sobre o uso de programas de computador para lecionar nas suas aulas:

Eu faço lá o slide, boto no Powerpoint, justamente fazendo lá desde o início que o hóquei foi criado, no início ele era de exibição, depois começou a valer, que a Índia tem 8 medalhas de ouro, o Paquistão também era forte. Toda essa história do hóquei a gente tem uma aula que é online, principalmente agora com a pandemia, ficou muito mais fácil só a aula online.

Jigoro comentou que fazia os alunos pesquisarem sobre a modalidade:

Para que eles pesquisassem e entendessem, como essa modalidade chegou nos jogos olímpicos, como que é a prática tanto pelos homens como para as mulheres, quais países tem maiores desenvolvimentos.

Enquanto o Kano comenta: *“A gente sempre traz para eles vídeos de campeonatos, olimpíadas, trazemos curiosidades, quem é o melhor jogador, quem é o atual campeão olímpico no feminino, no masculino”*. Todos os professores abordam de maneiras diferentes os mesmos assuntos, evidenciando mais uma vez métodos de pensar diversificados e também uso diversificado de metodologias de ensino base.

8 CONCLUSÃO

Com base no que foi dito pelos professores entrevistados, pode-se perceber que embora eles ensinem conteúdos muito similares ou até mesmo iguais, os métodos que eles usam para lecionar o Hóquei sobre Grama são distintos, desde o analítico, até o global, ou ainda, buscando algumas referências em livros de diferentes matrizes teóricas. Embora usem de atributos distintos, pode-se perceber várias concordâncias entre os professores, entre elas o uso do material de iniciação, como a bola de vinil e os tacos de plástico

e também os valores Socioeducativos e histórico-culturais. Focando o primeiro em respeito com o próximo e segurança dos materiais e o segundo com base no histórico de medalhas.

De acordo com as entrevistas foi possível perceber que não se tem uma receita ou um truque específico para ensinar o esporte, mas que depende de como cada professor transmite seus conhecimentos e trabalha em torno deste conteúdo. Outro ponto importante de se destacar é a importância da interação do professor com seus alunos para se ter êxito nas aulas. Buscando abordagens e atividades que deixem os jovens mais animados para realização da aula, sendo através de brincadeiras, ou até mesmo o uso do jogo.

E por fim, mas de suma importância a respeito do Hóquei sobre Grama é o papel que professor executa de forma efetiva para que os alunos fiquem mais interessados pelo esporte e que consigam desenvolver suas habilidades em todas as idades trabalhadas. Usando abordagens que eles consideram eficazes e que de acordo com as entrevistas pode observar que foram satisfatórias.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCARELI, M. RUELLA, L. GALATTI, L. SILVESTRE, C. **Relacionamento interpessoal professor-aluno na Educação Física**. Campinas, 2010

BARTH, K. NORDMANN, L. **Learning Field Hockey**. Cardinal PublishersGroup Editora, 2010

BERGER, A. GINCIENE, G. LEONARDI, T. **Pedagogia do esporte e o referencial socioeducativo: Diálogos entre a teoria e a prática**. Revista de Educação Física da UFRGS, v. 26. 2020

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. p.213-219

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. To saturate or not to saturate? Questioning data saturation as a useful concept for thematic analysis and sample-size rationales. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**

v. 00, n. 00, p. 1–16 , 2019. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1704846>>.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; WEATE, Paul. Using Thematic Analysis in sport and exercise research. In: SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. (Orgs.). . **Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise**. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017. p. 191–205.

CERSÓSIMO, R. SATO, K. **A criança e a educação física**. In: GONSALVES, Paulo Eiró (Org.). Tudo sobre a criança: perguntas e respostas. São Paulo: IBRASA, 2003.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Esportes. Hóquei sobre Grama. História**. 2020. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/esportes/hoquei-sobre-grama/>. Acesso em: 8 fev. 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HÓQUEI SOBRE GRAMA E INDOOR: **MANUAL DO PROFESSOR DE HÓQUEI SOBRE GRAMA E INDOOR**. Disponível em: < http://hoqueisobregrama.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Manual-do-professor-de-Hoquei-sobre-grama-Versao-2_2.pdf> acesso em 22/10/2021

D'AJUDA, J. CRUZ, T. ROCHA, D. AMORIM, C. **Uma análise dos métodos analíticos, global e misto para o ensino aprendizagem do Futsal na escola**. Minas Gerais, 2018.

DARONCO, L. FLÔRES, F. Fundamentos técnicos: a base do futsal. Revista digital EFDesportes. Buenos Aires, 2011.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HÓQUEI. **Rankings**. 2021. Disponível em: <http://fih.ch/rankings/outdoor/> . Acesso em: 8 fev. 2021.

FERREIRA, H. SAMPAIO, J. **Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde**. Revista digital EFDesportes. Buenos Aires, 2013

FERREIRA, L. A.; MARRERO, F. P.; RAMOS, G. N. S. ASPECTOS SOCIOEDUCATIVOS E PEDAGÓGICOS DE UM PROJETO SOCIAL: PERSPECTIVAS DE PROFISSIONAIS E PARTICIPANTES.

Corpoconsciência, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 26-36, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/7845>. Acesso em: 5 out. 2021.

FETT, M. Iniciação no futebol: Método Analítico versus Método Global. Porto Alegre, 2012

FINCO, D. Iniciação ao Hóquei. 2020

FOX, C. BARR-ANDERSON, D. NEUMARK-SZTAINER, D. WALL, M. Physical activity and sports team participation: Associations with academic outcomes in middle school and high school students. *Journal of School Health* (2010) 80(1) 31-37

GAYA, A. Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da Iniciação científica. Belo Horizonte: Casa da educação física, 2016.

GALATTI, L. Pedagogia do esporte: Considerações metodológicas a partir dos aspectos técnico-táticos e sócio-educativos dos Jogos Esportivos Coletivos na Escola. *Movimento & Percepção* v. 9, São Paulo, 2008.

GALATTI, L. Pedagogia do esporte: O livro didático como mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Campinas, 2006

GHIDETTI, F. Pedagogia do Esporte e Educação Física: a convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte. *Revista de Educação Física da UFRGS*, v.26. Porto Alegre, 2020.

GINCIENE, G.; MATTHIESEN, S. Q. ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DOS VALORES EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Pensar a Prática, [S. l.], v. 21, n. 1, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i1.44055. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/44055>. Acesso em: 18 out. 2021.

GOMES-TUBINO, M. J. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002

GONZÁLEZ. BRACHT. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. 2012

GRECO, P.J.; BENDA, R.A. (Org.). **Iniciação Esportiva Universal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

GRESSLER, L.A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Loyola, 2004.

HARDMAN, K. **Physical education in schools: A global perspective**. Kinesiology: International journal of fundamental and applied kinesiology (2008) 40(1) 5-28

KAID, J. KAID, D. CASARIN, C. ARSA, G. **A escolha da tática de jogo no futebol de campo**. *Revista Brasileira de Futebol*. São Paulo, 2010

KLEIN, K. **Hóquei sobre Grama e Indoor. Um relato de experiência sobre o processo de ensino aprendizagem na escola**. Porto Alegre 2016

MACHADO, G. **Iniciação Esportiva no Hóquei sobre Grama e Indoor: o Perfil de Seus Praticantes**. Porto Alegre 2014

MACHADO, G. GALLATI, L. PAES, R. **Pedagogia do esporte e projetos sociais: Interlocuções sobre a prática pedagógica**. *Revista da escola de Educação Física da UFRGS*. V.21. 2015

MACHADO, G. GALLATI, L. PAES, R. **Pedagogia do esporte e o referencial Histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática**. *Pensar a Prática*, v. 17, Goiânia, 2014

MARQUES, H. PEREIRA, T. OLIVEIRA, C. **Abordagens Pedagógicas da Educação Física para Crianças**. Campo Grande, 2018

MENDES, R.R; MATOS, JAB de; PINHO, Amilcar Cardoso de. **Propostas Metodológicas da Iniciação Esportiva**. *Revista Eletrônica Multidisciplinar*

Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. Bahia 2010

MURCIA, Juan et. Al. **Aprendizagem através do jogo**. Artmed editora, 2008

NEIRA, M.G. **A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física**. Revista Pensar a Prática, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em. Acesso em: 01 abr. 2016.

OLIVEIRA, D. **Esportes coletivos como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar**. Brasília, 2015

PAES, R. R. **Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Ed. ULBRA. 2001

RANGEL BETTI, Irene Conceição. **Esporte na escola: mas é só isso, professor? Motriz** v. 1, n. 1, p. 25–31 , 1999. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT05022010213839.pdf>>.

REIS, F. MOTA, J. VITOR, W. ROCHA, E. **A inserção da abordagem desenvolvimentista nas aulas de Educação Física em uma instituição pública**. Revista digital EFDportes. Buenos Aires, 2014.

REVERDITO R.S, SCAGLIA A.J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte; 2009.

SADI, R. COSTA, J. SACCO, B. **Ensino de esportes por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações**. Campinas, 2007.

SANTOS, L. **O desenvolvimento motor na Educação Física escolas**. Paraíba, 2018.

SCAGLIA, A. **A Pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas**. Nova escola, edição 273, 2014

SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; SOUZA, A. J. **Pedagogia da competição em esportes: da teoria à busca de uma proposta prática escolar**. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 20-30, 2001.

SILVA, I. **A importância dos aspectos psicomotores na educação infantil**. Brasília, 2015

SILVA, M. ZAMAI, C. **A importância dos fundamentos técnicos do futebol e o papel do professor neste processo.** Revista digital EFDesportes. Buenos Aires, 2013.

SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. Interviews: qualitative interviewing in the sport and exercise sciences. **Handbook of Qualitative research in Sport Exercise e search in Sport Exercise.** [S.l: s.n.], 2016. p. 103–123.

SPARKES, Andrew C; SMITH, Brett. **Qualitative research methods in Sport, Exercise and Health.** London: Routledge, 2014. .978-0-203-85218-7.

SEDORKO, C.M. FINK, S.C.M. **Sentidos e Significados do Esporte no Contexto da Educação Física Escolar.** J. Phys. Educ.v. 27, e2745, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TRUDEAU, F., SHEPARD, R.J. **Physical education, school physical activity, school sports and academic performance.** *Int J BehavNutrPhysAct* 5, 10 (2008)

TURNER, A. MARTINEK, T. **An investigation into teaching games for understanding: Effects on skill, knowledge, and game play.** *ResearchQuarterly for Exerciseand Sport* (1999) 70(3) 286-296

WOGEL, L. **O tempo do ócio na formação escolar: a pedagogia do ócio.** XI Encontro de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação: Currículo. São Paulo, 2013